



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A PROPÓSITO DAS DISCIPLINAS ESCOLARES: EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE VARGAS EM DOURADOS/MS (1958-1996)

Orides Piveta Júnior¹; Maria do Carmo Brazil²

¹ Graduando do 6º semestre do curso de Educação Física pela Faculdade de Educação FAED/UFGD. PIBIC/UFGD/CNPq.

² Prof. Dr^a. Docente do quadro efetivo do Faculdade de Educação FAED/UFGD.

RESUMO

Na perspectiva de análise a partir da disciplina de Educação Física a história da educação é um campo que vem procurando novas abordagens para seus estudos que corroborem com posturas diferenciadas sobre o trato histórico acerca da referida temática. Tais investigações estão ligadas à necessidade de discutir a Educação Física enquanto disciplina capaz de contribuir para a formação integral do aluno, de trazer explicações sobre suas mudanças práticas. Neste escopo, a pesquisa aqui apresentada consiste na investigação, dentro da Escola Estadual Presidente Vargas do município de Dourados, disciplina de Educação Física como parte do quadro disciplinar do ensino público no município de Dourados/MS para os anos de 1958 a 1996. Para tanto realizamos consultas aos acervos documentais da escola na busca de evidências das características da disciplina dentro do cenário educacional do município, e em especial, as potencialidades desta junto ao organograma da escola. Como conclusão alcançada, ressaltamos que a escola pesquisada permitiu o exercício das dimensões almejadas pelo currículo esperado para disciplina à medida que valorizava as ações envolvendo os preceitos da Educação Física, bem como a relação desta com a vida cultural da escola, e ao mesmo tempo, alcançando as transformações que a disciplina sofreu durante o período pesquisado.

Palavras-Chave: História das Instituições Escolares. Ensino Público. Educação Física.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas tem sido crescente no campo das pesquisas em educação investigações que visam a compreensão das diferentes instituições escolares a partir das

disciplinas que compunham sua estrutura, bem como as representações destas para as culturas locais. Estes estudos são realizados em sua grande maioria por professores e/ou pesquisadores interessados em conhecer a história de sua própria ação, da sua instituição e dos conceitos que a disciplina recebeu dentro do cenário escolar.

Estas pesquisas têm colaborado de modo expressivo para uma melhor cognição do papel exercido pelas escolas na construção da história da educação, bem como e a importância da história das disciplinas escolares na compreensão da formação psicossocial do indivíduo enquanto cidadão e profissional. As descobertas resultantes deste processo dão força para novos rumos da pesquisa na área, principalmente por propiciar um novo paradigma para o estudo das instituições escolares, permitindo compreender que a história da educação vai à frente das ideias e das discussões de práticas e didáticas, por vezes, comuns nas pesquisas em educação.

Pautados nesta interpretação e defendendo as pesquisas com instituições escolares e sua relação com as disciplinas nelas, principalmente a Educação Física, o presente trabalho abarca a temática ligada à escolarização da infância no estado de Mato Grosso do Sul para os anos de 1958 a 1996, tomando como lugar social de reflexão a Escolar Estadual Presidente Getúlio Vargas, o que justifica o recorte inicial da pesquisa, pois é neste ano que a escola é fundada, e o ano de 1996 como limite por ser o ano de promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Como parte do Projeto de Iniciação Científica Voluntária (PIVIC) desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, a pesquisa visou o levantamento preliminar de olhares da história das Disciplinas Escolares na região, observando a existência de significativas lacunas no que diz respeito à disciplina de Educação Física.

Dessa forma, e como resultado da pesquisa realizada nos doze meses a que a investigação foi submetida, a escrita a ser apresentada a seguir foi construída em quatro partes. A primeira é referente a explanação sobre o conceito de Instituição de Ensino no Brasil a partir da disciplina de Educação Física; a segunda parte versa sobre a relação dos preceitos da Educação Física como disciplina formadora e o seu papel nas relações culturais; na mesma direção, a terceira parte é referente a história da Escola Estadual Presidente Getúlio Vargas; e por fim, realizamos algumas considerações alcançadas pela pesquisa envolvendo a instituição e a disciplina.

1. INSTITUIÇÕES DE ENSINO E A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Imputados pelo desejo, reflexão e a percepção da importância do estudo das instituições escolares no processo de construção de uma história da educação regional, seguimos os dizeres de Demerval Saviani sobre a necessidade de “[...] reconstruir historicamente as instituições escolares brasileiras, implica admitir a existência dessas instituições que, pelo seu caráter durável, têm uma história que nós apenas queremos como necessitamos conhecer” (SAVIANI, 2007, p.24).

Estas instituições não são feitas apenas de professores, alunos e métodos, posto que elas existam sem eles. Esta se constitui a partir de interesses que identificam os marcos entendidos como uma identidade societária (NASCIMENTO, 2007, p.75), e isso se dá através da concepção de comunidade politicamente organizada. Como o alvo de nossa investigação a disciplina de Educação Física permite a reflexão sobre ela a partir do espaço escolar. Fizemos um recorte nos amplos estudos sobre instituições escolares no país, adotamos um período específico da instituição escolar brasileira, que surgiu no século passado, a partir de 1930, mais especificamente no que ficou conhecido como a Revolução Industrial Brasileira, com objetivo de “civilizar” um grupo específico de trabalhadores. Nos percursos das mudanças no cenário educacional brasileiro, Mauro Betti (1991) afirma que apenas a partir de 1930 vários estados da federação começaram a realizar suas reformas educacionais e incluir a Educação Física com essa denominação, em substituição à “ginástica”, sendo que a partir de meados da década de 30 a concepção dominante na Educação Física era calcada na perspectiva *higienista*.

Com o êxodo rural da época, observa-se a escola como espaço urbano de humanização. A partir desta ideia, as escolas passaram a serem construídas no sentido da busca da luminosidade, higiene, liberdade, como espaço cultural valendo-se da disciplina Educação Física para este propósito. Neste prisma, a educação escolar torna-se sinônimo de disciplina do hábito, ou seja, o desafio estava em programar uma pedagogia higiênica voltada à formação do futuro operário. Benjamin Constant tomou estes preceitos para estabelecer o regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal, através do decreto 981 de 08/11/1890 (BRASIL, 1890, p. 3462 - 3464).

Gois Júnior (2000) ao falar dos Higienistas e a Educação Física, evidencia que coube à Educação Física no período um papel fundamental idealizar a formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação. A proposta visava estimular, através da disciplina, a preocupação, com a saúde das pessoas. Tratava-se de uma, tendência pedagógica cujo objetivo centrava-se na disciplinarização dos hábitos e levar as pessoas a se abduzirem do sedentarismo e aproximarem-se cada vez mais da prática esportiva.

Várias escolas europeias influenciaram a formação da Educação Física higienista no Brasil, mas a que mais teve valimento no cenário nacional foi o modelo francês, este influenciado por George Demeny, este que defendia a formação do homem apto para o trabalho industrial, o que significaria um desenvolvimento econômico para a nação, onde o corpo saudável era significado de um operário mais forte e que renderia mais no trabalho. Inicialmente estes conceitos não foram muito bem aceitos pelos empresários, orientados pelos lucros imediatos, pois diminuir a carga horária de trabalho, introduzir intervalos durante o expediente de trabalho, alimentação e saneamentos básicos, eram sinônimos de perda de dinheiro e prejuízo no sistema produtivo, conforme previa os moldes capitalistas de produção.

Nesta pedagogia higienista, a Educação Física Escolar assumiu um papel interdisciplinar, incumbida de auxiliar as disciplinas como Higiene e Biologia, com o objetivo de se ensinar os princípios higiênicos, como lavar as mãos, tomar banho, escovar os dentes e assepsias, e também o ensinamento cultural como: benefícios sociais, morais e educativos da Educação Física. Neste ponto de vista a Educação Física passa a ter um papel transformador da sociedade, ensinando novos valores e hábitos, que segundo Gois Júnior (2000, p.2), contribuíram para construir uma sociedade mais próspera.

É interessante citar Fernando de Azevedo, quando este faz alusão ao papel Higienista em uma concepção que se preocupa em construir a Educação Física como agente de saneamento público, ou seja, na busca de uma “sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios deteriorados da saúde e caráter do homem do povo” (GHIRALDELLI JUNIOR, 2004, p.17).

Como refere SILVA (2011), a República instalada elegeu a saúde e a humanização urbana como fórmula de seu projeto. Neste sentido, os professores deveriam priorizar, em seus trabalhos escolares, a formação de hábitos e disciplinas,

pois neste método permite-se economizar trabalho e tempo, portanto mais resultados. Tal fato evidencia que, além de ser criada pelo homem, a instituição escolar se apresenta como uma estrutura material que é constituída para atender a determinada necessidade humana, mas não qualquer necessidade. Trata-se de necessidade de caráter permanente. Por isso a instituição é criada para permanecer (SAVIANI, 2005, p.28).

A partir da metade do século 20, mais precisamente no ano de 1964, iniciou-se no Brasil o Governo Militar, regime que destituiu, em 31 de março daquele ano, o governo do presidente eleito João Goulart, assumindo então ao poder os militares das forças armadas. Durante este modelo de governo, que durou mais de vinte anos, houve mudanças significativas na história da escola brasileira. Para alguns, um fato paradoxal, pois, como se explica que exatamente durante um regime autoritário a escola tenha se expandido e a Educação Física se estruturado?

Segundo Bittar e Bittar (2012, p.157), a resposta deve ser buscada na própria base produtiva do modelo econômico instaurado pelos governos militares. A consolidação da sociedade urbano-industrial, durante o governo militar transformou a escola brasileira, porque na lógica que presidia o regime era necessário um mínimo de escolaridade para que o país ingressasse na fase do “Brasil potência”.

Neste período houve um aumento significativo de alunos matriculados nas escolas, principalmente públicas gratuitas. Ainda em Bittar e Bittar (2012), o governo militar, ancorado no pensamento tecnocrático e autoritário que deu a escola um papel de disseminação ideológica de Estado, editou um rol de medidas consubstanciadas, basicamente, em duas reformas educacionais que mudaram a face da educação brasileira. As autoras referem-se à Reforma Universitária, de 1968, que adequou a universidade ao modelo preconizado pelo regime, instituindo os departamentos, a matrícula por crédito e não mais em disciplinas, a extinção da cátedra, etc., e a reforma do ensino fundamental conhecida como Lei n.5.692, de 1971, transformando o antigo curso primário, de quatro anos, e o ginásio, também de quatro anos, em oito anos de escolaridade (BITTAR e BITTAR, 2012, p. 160).

Sobre o Governo Militar, Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (2003), sustenta que após o golpe militar de 1964, a Educação Física Escolar passou a ser uma ferramenta de propaganda do governo, o qual enfatizou a formação de turmas de treinamento para variadas modalidades esportivas, a preparação física e as competições.

A política educacional, do período, para todos os níveis de ensino tinha como um dos seus principais eixos contribuir com o controle político ideológico.

Para Germano (1994) a Educação Física deste período se pautava na busca pelo desempenho esportivo e pela vitória. O pressuposto é que para as aulas serem dadas com o objetivo de formar atletas, a turma devia ser composta por alunos que tinham condições físicas semelhantes, o que possibilitaria competição equilibrada.

Após 1964, com o Regime Militar, a Educação Física passou a exercer uma característica técnica voltada para a *disciplinarização*, com o trabalho de algumas modalidades esportivas específicas com o fundamento de se desenvolver técnicas esportivas competitivas.

Na década de 70, profissionais da área começam a questionar a influência dos médicos higienistas, dos militares, da Pedagogia Tradicional e Tecnicista sobre a disciplina. Emergiram daí novas abordagens metodológicas buscadas para superar os métodos diretivos, surgindo então, as chamadas Tendências *Psicopedagogizante*. Inicialmente a Psicomotricidade, depois a abordagem desenvolvimentista e a construtivista (MENDES; MAIA, 2003, p. 2).

Com a Lei 5.692 de 1971, artigo 7º, a educação física escolar conquistou o espaço de obrigatoriedade no ensino brasileiro, partindo dos pressupostos da profissionalização, e podendo ser entendida como um conjunto de atividades que visam desenvolver o gosto pelo esporte. Nessa tendência, a Educação Física estava baseada nos pressupostos da racionalidade, produtividade e eficiência, buscando o aprimoramento físico e técnico do indivíduo.

Após a década de 1980, até início da de 1990, a Educação Física sofreu os efeitos políticos e, portanto está buscando, através dos agentes envolvidos, novos rumos para a disciplina (SANTOS 2010). E neste escopo, a Educação Física passou por movimentos renovadores e é a partir de então que se pode localizar a concepção conhecida por “pedagogia crítico-superadora” dentro de sua definição, pois como ressalta Alves, a

(...) pedagogia crítico - superadora representa a repercussão da pedagogia histórica - crítica no campo da Educação Física. [...] Nessa perspectiva de Educação Física o objetivo não é o aprimoramento das capacidades físicas ou o rendimento esportivo, mas sim o de propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal historicamente produzida pela humanidade. (ALVES, 2003, p. 1).

O ensino da Educação Física passou a ser alicerçada nos pressupostos da cultura corporal, tendência que começou a ficar mais forte a partir dos anos 1990 e que privilegia o gesto humano construído historicamente e proporcionando ao educando a capacidade de “[...] refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada” (PCNs, v.7, p.33).

Ana Cristina Arantes (2008) expõe que em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96, art. 26) dá as orientações para o currículo atender a disciplina como um todo. O plano de curso, de ensino e das aulas inclusive os de Educação Física devem ser pensados segundo o Projeto Escolar e orientados de acordo com as características dos estudantes (ARANTE, 2008, s/p). Este é o modelo atualmente conhecido.

Nessa tendência, Costa (2008, p.29) diz que Educação Física hoje é a área de conhecimento preocupada com o aspecto socioantropológico do movimento humano, o que significa pensar que esse movimento possui história e consciência corporal. E ao assumir a tendência cultural, procurou veicular o entendimento de que o movimento humano é o elemento por excelência, revestindo-a assim de uma dimensão humana que extrapola os limites biológicos, e dando uma característica única.

Esta interpretação do que seria a escola tem um enfoque social e antropológico entre o social e o cultural, e por isso compreende-se que ela não funciona somente como uma instituição que transmite os conhecimentos e culturas, mas que tem também sua autonomia para a construção e reconstrução dos saberes a partir de seus moldes ideológicos, seguindo e traçando culturas que permeiam os espaços escolares.

Sobre a definição de culturas, pensando na disciplina de Educação Física, passamos agora para uma explanação mais focada sobre a relação entre tal definição e a disciplina em questão, considerando a instituição escolar como palco de análise, e na sequência, a relação da disciplina de Educação Física e a história da Escola Estadual Presidente Getúlio Vargas.

2. O CONCEITO DE CULTURA E A EDUCAÇÃO FÍSICA

Nas últimas décadas no Brasil, tem sido crescente a quantidade de estudos, pesquisas e ensaios que buscam compreender os aspectos culturais e as suas influências na prática da Educação Física. Dessa forma, ao analisar a história das disciplinas escolares, busca-se entender como os saberes da sociedade foram se transformando em saberes escolares, e como esse conhecimento somado vieram para atender as determinações de classes que são sempre produtos históricos (PESSANHA, 2001).

Talvez, um bom ponto de partida para a discussão deste assunto seja a afirmação de que o termo “cultura” faz parte da Educação Física, e não se admite mais pensar em Educação Física escolar sem mencionar a cultura, pois a sociedade brasileira é multicultural, o que significa reconhecer a diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos sociais que a compõem. Partindo desta interpretação, discorreremos sobre esta linha de pensamento a fim de assinalarmos as diferentes culturas e o conceito de cultura que pautará nossa reflexão da disciplina de Educação Física e a interpretação de seus espaços.

Admitimos aqui “cultura” como sendo uma somatória de ideias, comportamentos, símbolos e ações que são comuns a um agrupamento social, estes que foram transmitidos de geração em geração através das relações coletivas. Entretanto, Cultura vai muito, além disso, pois implica em entender o cidadão como um todo no meio ao qual ele está inserido, a influência do meio externo, a sociedade que o cerca, em fim, utilizará como base teórica as ideias do antropólogo americano Clifford Geertz sobre o conceito de cultura.

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1989, p.24).

Para o Geertz (1989) a cultura, além de produto, é também processo contínuo pelo qual os indivíduos dão sentido às suas ações. O autor Jocimar Daolio (1995), acrescenta que a cultura nesse sentido, é responsável pelo comportamento social do ser humano, o que faz com que os seres humanos se expressem de formas diferentes em situações diferentes.

Um costume ou uma prática de um determinado grupo não devem ser vistos como certos ou errados, melhores ou piores do que outros do nosso próprio grupo. Ambos têm

significados próprios que os justificam no grupo no qual ocorrem. Portanto, a diferença não deve ser pensada como inferioridade. O que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferenciadamente. Porque os homens são iguais justamente pela expressão de suas diferenças (DAOLIO, 1995, p. 100).

Segundo o mesmo autor, a construção cultural do ser humano, está pautada pela capacidade de singularização que o homem possui e,

[...] é a partir da concepção de que o homem possui uma natureza cultural e de que ele se apresenta em situações sociais específicas que se chega à idéia de que o que caracteriza o ser humano é justamente a sua capacidade de singularização por meio da construção social de diferentes padrões culturais (DAOLIO, 1995, p.36).

Observa-se, a partir da colocação em tela, que o corpo está entrelaçado às influências culturais, que ele é um meio de expressão primordial do ser humano, sendo assim, não há possibilidade de vivência de uma dimensão física fechada do seu contexto. A questão cultural se faz fundamental para o desenvolvimento humano, pois os aspectos culturais estão além das fronteiras. É essa alusão da necessidade de uma construção própria para as ações humanas e a relação delas com a vida cotidiana das pessoas é que pautam as reflexões contidas com a relação à Educação Física.

A compreensão é de que as aulas de Educação Física são realizadas em situações próprias e particular a cada grupo que dela tem acesso. Neste sentido, a noção de concepção cultural é fundamental para a abrangência de como devem ser constituídas as aulas, o que exacerba a importância de se debater qual a preponderância que os aspectos culturais têm sobre elas.

Historicamente, a Educação Física era concebida pela sociedade, e até mesmo por muitos professores como uma aula para distrair e brincar e não como momento de estudar, pesquisar, analisar, refletir e avaliar. A Educação Física traz como foco central de estudo para a educação o sujeito que se movimenta (COSTA, PEREIRA, PALMA, 2009, p.5). A Educação Física trata de um movimento construído, elaborado e reelaborado exclusivamente por seres humanos. Sabemos que é na escola um dos palcos sociais onde são cotidianamente vividas e exercidas as mais diversas práticas de produção e reprodução da Cultura.

Para Daolio (1995, p.12), “se a escola trabalha com a Cultura e se a Educação Física é uma disciplina escolar, logo a Educação Física também deve trabalhar com a

Cultura, especificamente com a parte dela relacionada às questões corporais”. E dessa forma, trabalhar com ou sobre o corpo significa atuar na formação social dá sentido a este corpo, e dessa forma implica atuar na cultura.

A escola, por exemplo, além de ser o espaço da teoria e da prática pedagógica é, antes, um local de convivência coletiva. Assim, até mesmo essas teorias e práticas pedagógicas precisam compreender as bases das relações entre os homens para poder melhor orientar as ações referentes ao cotidiano escolar.

A escola e a Educação Física, de modo particular, sempre tiveram dificuldades em lidar com a manifestação e a valorização das diferenças. Tenderam, ao longo da sua história, a silenciá-las e neutralizá-las, sentindo-se muito mais seguras e confortáveis com a homogeneização e a padronização (DAOLIO,1995). Como afirma Saviani (2005), o ensino é o meio de transformar o saber elaborado em saber escolar. Mas “o saber sistematizado continua a ser propriedade privada a serviço do grupo dominante”, porque a “consciência de classe passa pela questão do domínio desse saber”. Neste sentido a prática pedagógica pode ser vista como um caminho para se chegar à teoria, tratando da materialidade dessa ação.

Quando entendemos que a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida for à teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade de sua transformação e proponha a prática a partir da teoria. Mas é preciso também fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isto significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática. (SAVIANI, 2005, p. 107).

A Educação Física traz como foco central de estudo para a educação o sujeito que se movimenta. Não é qualquer movimento, que já é campo de estudo de outras áreas de conhecimento presentes na escola. A Educação Física trata de um movimento construído, elaborado e reelaborado exclusivamente por seres humanos. Esta disciplina ao atuar em uma perspectiva cultural, acaba por inserir-se no universo dos aspectos sociais e, com isso, reconhece-se dentro de um contexto, que traz consigo os aspectos de uma dada época e de uma definida sociedade, fazendo com que a atuação dos professores esteja pautada dessas questões, sejam elas relativas ao esporte ou qualquer outra manifestação ligada ao corpo.

Essas novas tendências ambicionadas para a Educação Física permitem que ela comece, mesmo que de forma acanhada, a ocupar um lugar que tenha como escopo

principal o de propiciar aos alunos o aumento, o aprimoramento e a apropriação crítica de informações sobre o seu corpo e de qualquer manifestação cultural ligada a ele. Com isso, a Educação Física assumira a sua verdadeira prática curricular, uma disciplina que está atenta aos problemas, às lutas e às ressignificações presentes no cotidiano escolar, e não uma disciplina do fazer pelo fazer e/ou simplesmente por fazer parte legitimamente da escola.

Essas mudanças sofrem influência de fatores ligados ao contexto social. Santos (1995) considera que os determinantes das mudanças sofrem influência interna e externa. Nos fatores internos estão os estudantes, professores e diretores, bem como a própria estrutura da escola. Quanto aos fatores externos, consideram-se os objetivos da escola, políticas governamentais, exames nacionais e livros (BRAGA, 2006).

Nessa linha de raciocínio podemos despontar que as aulas de Educação Física dentro de um contexto, tem que abordar questões de uma data época e de uma determinada sociedade, por exemplo, ao ensinarmos sobre Basquetebol, o professor deveria despertar o interesse de o aluno introduzir se no contexto histórico e cultural da época na qual a modalidade esportiva foi criada. Portanto, falar das aulas é falar das pessoas que estão envolvidas nesse cotidiano, professores, alunos etc. Além disso, a forma como os alunos enxergam o seu corpo e a relação deste com as práticas corporais, passa por questões que transcendem a quadra, questões, sobretudo, de ordem cultural.

Nessa linha de raciocínio, defendemos a escrita de uma história da disciplina de Educação Física a partir da história da educação. E partindo do caso particular da pesquisa apresentada, passaremos agora a um esboço da história da Escola Estadual Presidente Vargas, tendo-a como espaço de interpretação da disciplina de Educação Física no município de Dourados/MS.

3. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM DOURADOS/MS: A ESCOLA ESTADUAL PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS E A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Pesquisar, a história de uma instituição educativa/escolar é também um exercício de regressividade que ocorre de forma interessante e complexa, pois, cada instituição desenvolve suas próprias interpretações de leis e normas, baseada em sua realidade. Uma mesma legislação pode ter várias interpretações e produzir diferentes práticas, a

depende da estrutura física da escola, de seus professores, alunos e corpo técnico (administrativo). Instituições educativas são organismos vivos, construtivos e criativos (PESSANHA e SILVA, 2004, p. 04).

A escola Estadual Presidente Vargas é do ponto de vista arquitetônico constituída de um prisma frontal com dois pisos que se encontram com duas alas posteriores interligados por uma passarela em laje plana presa a um conjunto de pilares de seção circular de 04 polegadas, que formam um pátio central. Atrás dessa passarela, um volume de caixa de água. Nas alas laterais, de um lado funcionava a administração escolar e do outro, salas de aula (AZEVEDO, 2007).

A História da Escola Estadual Presidente Vargas tem como referencial a história de Dourados, pois na década de cinquenta, o Brasil foi marcada por um fervor político, ou seja, por um lado a morte trágica e marcante do presidente Getúlio Vargas e a eleição para a sua sucessão do então presidente Juscelino Kubitschek.

A história das instituições educativas permite uma reconceitualização do conhecimento científico, de forma a aproximar-se desse aprofundamento que, pela sua multidimensionalidade e pela sua representatividade, constitui uma totalidade organizada e em desenvolvimento que corresponde numa lógica escalar, a história total da realidade educativa (MAGALHÃES, 2004, p.168).

Segundo Azevedo (2007), a Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados foi criada pela Lei n.º 427, de 02 de outubro de 1951, pelo governador do Estado, Dr. Fernando Corrêa da Costa, recebendo a denominação de Ginásio “Presidente Vargas”, para iniciar a partir de 1º de janeiro de 1955. A implantação do ginásio veio prestar uma homenagem ao ilustre governante e passou a fazer parte das referências da cidade que entraria num virtuoso processo de desenvolvimento nas décadas seguintes.

A referida Escola é a mais antiga de Dourados relacionada ao ensino público, foi construída ainda no governo de Getúlio Vargas, recebendo a denominação de “Ginásio Presidente Vargas”. A área destinada para construção do Ginásio foi doada pelo Professor Celso Muller do Amaral, sendo de 10.000 m², situada ao sul com as atuais ruas Oliveira Marques, ao Norte, com a Cyro Melo, a Leste com a Hayel Bon Faker e a Oeste, com a João Cândido Câmara, sendo que na época de sua criação as ruas eram denominadas respectivamente de: Paraíba; Dr. Mario Machado de Lemos; Bahia e Minas Gerais (AZEVEDO, 2007).

Celso Muller do Amaral, importante figura no cenário político social da cidade, doou um terreno para a construção do então Presidente Vargas, locada na área central, a poucos metros da Avenida Marcelino Pires e que se tornou o destino de alunos de todos os bairros, de todos os distritos e até mesmo de outros municípios da região e do Estado, bem como de todas as classes sociais.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Presidente Vargas,

a história da Escola Presidente Vargas se confunde, em parte, com a história de Dourados. Um dos personagens principais dessa trajetória é o professor Celso Muller do Amaral, que inclusive será homenageado com a denominação do anfiteatro que será construído na escola. “Ele foi um exemplo de incentivo à educação de Dourados” destacam diversas lideranças, lembrando que Amaral foi o doador da área onde o estabelecimento foi construído. (Fonte: Projeto Político Pedagógico da E.P.V, 2005, p.08).

Desde sua construção, a escola tem destaque pela sua estrutura física, pois a mesma foi construída com uma arquitetura moderna para época e segundo os registros do projeto, ela esta edificada em um espaço denominado chácara 57 e 58, pressupondo desta forma, que antes neste local existiam as respectivas chácaras (AZEVEDO, 2007). A arquitetura apresentada pelo edifício mais antigo é de muito valor para a historiografia. Desta forma, a relevância desta pesquisa na referida instituição escolar, parte do seu entorno, pois de acordo com Sanfelice,

Nenhuma instituição manifesta sua identidade plena apenas no interior dos seus muros, por isso é fundamental olhar para seu entorno. Um entorno que se inicia bem junto a ela, mas que pode ser uma caminhada para uma dimensão cada vez mais macro[...]. Enfim, a dimensão da identidade de uma instituição somente estará bem delineada quando o pesquisador transitar de um profundo mergulho no micro e, com a mesma intensidade, no macro. As instituições não são recortes autônomos de uma realidade social, política, cultural, econômica e educacional. (SANFELICE, 2007, p. 78).

Segundo Azevedo (2007), desde sua criação a escola acima mencionada teve destaque na cidade. Iniciou suas atividades com quatro turmas do 5º ano ginásial e pelos registros das matrículas os alunos eram naturais de diversos estados brasileiros, como por exemplo, Ceará, Bahia, Minas Gerais Alagoas, Paraná, Pernambuco, São Paulo e do estado de Mato Grosso, sendo que a maioria dos alunos era oriunda dos dois últimos. De acordo com o livro de matrículas, no primeiro ano havia 106 alunos e em 1959 com uma turma do 6º ano. Outro fator de destaque é que muitos eram japoneses, e o que provavelmente justifica este fato é que houve dois grandes momentos de imigração na cidade de Dourados e região, um em 1947 e em 1953.

Ainda segundo o mesmo autor o Ginásio Presidente Vargas de Dourados,

passou a oferecer o “Científico” (ensino médio), no ano de 1963 e com isso os alunos que pretendiam e tinham condições financeiras seguiam uma carreira acadêmica em outras cidades ou em outros estados brasileiros. Assim a partir de então os alunos que desejassem frequentar o ensino secundário público poderiam iniciar na cidade de Dourados, portanto a instituição passou a atender tanto alunos da cidade quanto da região. (AZEVEDO, 2007, p. 56).

Como escola referencial/modelo na educação na região sul do estado de Mato Grosso do Sul, esta escola sempre foi uma das colunas que escoraram a sociedade douradense, atuando de forma incisiva e decisiva na formação intelectual e cognitiva dos milhares de estudantes que passaram e passam pelas suas salas de aula, alguns, todos contribuindo para o desenvolvimento de Dourados, do Estado de Mato Grosso do Sul e do Brasil.

Ao tomar como referencial a História das disciplinas escolares, alavancamos o seguinte problema: como a disciplina de Educação Física no recorte temporal do período de 1958 a 1996 se configurou na Escola Presidente Vargas e como ela contribuiu para as expressões da cultura escolar? Qual o papel pedagógico da Educação Física na referida Escola?

O espaço e o tempo são duas variáveis importantes na constituição de uma disciplina escolar, a consideração que Escolano (2001) faz sobre o espaço-escola, em relação à cidade, é fundamental para compreender a influência que a escola exerce sobre a cidade na mesma proporção que por ela é influenciada.

Não apenas o espaço-escola, mas também sua localização, a disposição dele na trama urbana dos povoados e cidades, têm de ser examinados como elemento curricular. A produção do espaço escolar no tecido de um espaço urbano determinado pode gerar uma imagem da escola como centro de urbanismo racionalmente planejado ou como uma instituição marginal e excrescente. (ESCOLANO, p.28, 2001).

Nesta mesma perspectiva, Viñao Frago (2001), em seus estudos sobre cultura escolar, coloca o tempo e o espaço como objeto histórico, tomando-os como categoria de análise. Em sua consideração, tempo não é uma prioridade natural dos indivíduos, mas sim uma ordem que tem de ser aprendida, uma reforma cultural que deve ser experimentada.

Para aprofundar as análises, foram estabelecidos como recorte temporal os períodos de 1958 a 1996. Justifica-se tal escolha em virtude do ano de 1958 ter sido o início do funcionamento da escola, e 1996, ano no qual a Educação Física como

disciplina escolar passou a ser obrigatória de acordo com a Lei de Diretrizes Básicas nº 9.394/96.

Com base nos questionamentos citados, coube realizar pesquisas sobre a trajetória da disciplina Educação Física no Presidente Vargas, buscamos identificar nexos de continuidade e descontinuidade no currículo; ao mesmo tempo avaliamos a “esportivização” das aulas e como essas práticas escolares se configuraram nesse espaço e tempo.

Segundo Braga (2006), ao se considerar o esporte e a escola, fenômenos polissêmico¹, tenta-se entender os vários sentidos/significados e suas ligações socioculturais, o que estamos chamando de expressões da cultura escolar. Nesse sentido, fizemos imersão nas relações entre a escola, a Disciplina Educação Física, o esporte e suas práticas.

O surgimento da instituição escola está indissociavelmente ligado à instituição de saberes escolares, que se corporificam e se formalizam em currículos, disciplinas, programas, exigidos pela invenção, que a escola criou, de um espaço de ensino e de um tempo de aprendizagem (SOARES, 2002, p.155).

Desse modo, para a Educação Física se consolidar no currículo como uma disciplina escolar, foram criados saberes que valorizaram muito a “esportivização” nas/das aulas. Então, torna-se necessário mapear quais práticas foram constituídas no tempo e no espaço e como elas se efetivaram ou não na cultura escolar. (BRAGA 2006).

Parafrazeando com o mesmo autor, entendemos que a escola como:

Lócus de privilégio das relações de poder sobre as de saber, formada por espaço fechado, tempo escolar e um sistema de transmissão de saberes intimamente ligados ao funcionamento disciplinador, pôde se encontrar no Maria Constança o cruzamento desses sentidos – esporte, competição, desfiles e espetáculos – como uma tentativa de construção de uma nova cultura. (PESSANHA e SILVA, 2010, p.27).

Assim, a disciplina Educação Física na Escola Estadual Presidente Vargas, entendi intensamente na história cultural de Dourados/MS, seja representando um povo, a arquitetura hodierna e inovadora e as práticas escolares de uma escola pública, ou seja, representando a cidade de Dourados nas competições esportivas na qual esteve presente. Isto porque, para Braga (2006), sendo as aulas de Educação Física compostas, basicamente, de atividades esportivas, prazerosas e representativas, e contando com tais espaços e tempos, logo se tornou uma disciplina imprescindível e de grande importância

¹ Para conhecer um pouco mais sobre a polissemia a cerca da definição atribuída ao esporte e a escola, ver ‘Esporte na mídia, ou esporte da mídia’, de Mauro Betti (2002), disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/5929/5441>

para a escola – alunos, professores e direção. E sendo a Escola Estadual Presidente Vargas, primeiro colégio público da cidade de Dourados, exibia para a cidade, a idoneidade que tinha em transformar alunos em cidadãos, a partir de trabalho desenvolvido em disciplinas que iam além do estruturado pelo currículo, pensando na interação deste com a realidade social a que os sujeitos alunos estavam imersos.

APONTAMENTOS FINAIS E DISCUSSÃO

A história das instituições escolares pode ser escrita partindo-se de vários aportes, como a análise do livro didático, a interpretação das culturas que a compõem e pela história da disciplina que faz parte de seu currículo. Na pesquisa desenvolvida, buscamos elencar a relação da disciplina de Educação Física no cenário da história da instituição escolar pública do município de Dourados/MS. Conseguimos construir parte da base para uma discussão sobre o papel da disciplina neste espaço, mas devido carência falta de documentos empíricos, bem como do curto tempo para se desenvolver a pesquisa sobre a disciplina dentro da instituição, ainda não foi possível realizar uma discussão mais densa sobre a Educação Física e sua direta identificação na construção característica da escola no espaço municipal.

O plano de trabalho executado contribui com o projeto da orientadora por se tratar de um estudo sobre o processo de escolarização da infância no sul do estado de Mato Grosso do Sul, e a temática apresenta confluência com um dos principais objetivos do projeto, que é o de evidenciar a importância da compreensão do processo de constituição da unidade escolar para o crescimento do município de Dourados/MS, correlacionado às práticas educacionais vigentes no Brasil e os impactos da instituição neste processo.

A educação pública e gratuita seguia os moldes da educação nacional no que se refere ao currículo, mas deu uma dimensão mais ampla à disciplina de Educação Física ao caracterizá-la como espaço de relação entre indivíduos de realidades sociais distintas, nos preceitos da educação voltada a formação social. Mas até que ponto a era possível o professor atuar de forma autônoma na aplicabilidade da disciplina nos moldes do Estado? Qual a relação dos alunos para com a disciplina, após o processo de obrigatoriedade da mesma?

O acesso aos documentos da época, bem como o contato com um ex-aluno, colaborou para melhor esclarecer como era as aulas de Educação Física no período. Percebemos que estas eram sobremaneira voltadas para modalidades esportivas. No citado período, principalmente o do governo militar, era responsabilidade do professor de Educação Física a formação das turmas de treinamento, ou seja, havia uma seleção em que os melhores de cada modalidade representariam a escola nas competições promovidas dentro do município entre as escolas.

A partir dos dados coletados consideramos que as aulas de educação física eram voltadas aos esportes e a preparação física; realizada em horários opostos a outras disciplinas; exigentes quanto ao uso de uniforme; atribuíam extrema importância aos exames biométricos e significavam o momento de maior contato entre os alunos e o professor.

Existem vários questionamentos que foram se construindo à medida que buscávamos dialogar com as fontes definidas, e é partir delas que continuaremos a pesquisar, e assim construir uma interpretação da história da educação no município de Dourados/MS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Irene Quaresma. *O ensino de História nas escolas públicas de Dourados, no período de 1971 a 2002: o caso da Escola Estadual Presidente Vargas*. Dissertação (Mestrado em História), UFGD, Dourados, 1997.

BARBANTI, V. *O que é Educação Física*. Ribeirão Preto: UFRB, 2004.

BRAGA, Paulo Henrique Azuaga. *A Disciplina Educação Física No Maria Constança: Expressões Da Cultura Escolar No Período De 1954 - 1964*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação da UFMS/PPGEDU. 2006.

CANDAU, V.M.F. *Reinventar a escola*. Porto Alegre: Editora Vozes Ltda, 2000.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2ª edição, 2001. p.20/58

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 2002.

- FERNANDES, Maria Dilnéia Espíndola. ;FREITAS, Dirce Nei Teixeira de. Percursos E Desafios Da *Municipalização Do Ensino Fundamental Em Dourados, Ms*. In: Reunião Anual da ANPED. Caxambú, 2003. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/mariadilneiaespindolafernandes.rtf>.
- GERMANO, J. W. Estado militar e educação no Brasil (1964-1985). São Paulo: Cortez, 1994; IN: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. *Educação Física Escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): Entre a Adesão e a Resistência*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.
- GOIS JUNIOR, E (2000). *Os higienistas e a Educação Física: a história de seus ideais*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF, Universidade Gama Filho.
- JAPIASSU, Hilton. *O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- LIBÂNIO, J. C. *Organização e gestão escolar: teoria e prática*. Goiânia: Editora alternativa, 1997.
- LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermevale NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). *A escola pública no Brasil: história e historiografia*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2005.
- LUGON, C. *A república "comunista" cristã dos guaranis*. Trad.Cabral, Álvaro. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1968.
- LUZURIAGA, L. (1976). *História da Educação e Pedagogia*. São Paulo: Cia. Editora.
- MAGALHÃES, Justino (2004). *Tecendo Nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco.
- MELO, V. A. A Educação Física nas escolas brasileiras do século XIX: esporte ou ginástica?. In. FERREIRA NETO, A. (Org.). *Pesquisa histórica na Educação Física – 3 Aracruz*: Editora da Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1998, v. 1, p. 48-68.
- MOREIRA, Carlos de Araújo. *A política indigenista brasileira durante o século XIX*. Rio Claro, 1971 (Tese de doutoramento) (mimeo), p.4s, apud: BEOZZO, José Oscar, op.cit., p. 68.
- NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. Universidade de São Paulo – Escola de Engenharia de São Carlos: os primeiros tempos 1948-1971. FAPESP, 2000. In: NOSELLA, Paolo. BUFFA, Ester. *Escola Profissional de São Carlos*. Fapesp, 1998
- NOVAIS, Fernando. O Brasil nos quadros do antigo sistema colonial. In. Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. São Paulo: Difel, 2001.
- NUNES, Ronise. *Elos historiográficos da Educação Infantil no município de Dourados na década de 1970: um olhar no passado para entender o presente*. Monografia de

Especialização. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Aparecida Marques de Souza. Curso de Especialização em Educação Infantil/UFMS: Dourados, 2012.

PESSANHA, E. SILVA, Fabiany de C. T. *Professores e alunos compondo a história de uma instituição exemplar no sul do mato grosso (1939-1950): a Escola Maria Constança Barros Machado*. Anais, SBHE, 2013. Disponível em : <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/95.pdf>, acesso em 18/05/2014 às 15:40.

SANFELICE, José Luís. História das instituições escolares. In. NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei [et. al]. *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

SANTOS, Josilene Correa dos. *A Educação Física no espaço escolar*. Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 147, Agosto de 2010, p. 37-52.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.155/177

SCMITZ. *Os jesuítas e a educação: filosofia educacional da Companhia de Jesus*. S. Leopoldo: S. Leopoldo : Editora Unisinos, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. In: *Cadernos de formação RBCE*. Campinas: CBCE e Autores Associados, 2009, v. 1, n.1, p.25-42.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Jane.